

ALFABETIZAÇÃO E INFÂNCIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Sonia Aparecida Bays¹

Eixo temático: 4. Alfabetização e infância

Resumo: Esse relato apresenta uma reflexão sobre as práticas de Ensino Remoto vivenciadas em uma turma de Primeiro ano do Ensino Fundamental de uma escola do Município de Corumbá/MS, durante a pandemia do Covid-19, com a análise do contexto social de uma escola pública e o aproveitamento significativo desse momento desafiador para todos. Neste novo educar foi necessário repensar os objetivos das atividades e como tornar esse momento de “tarefa” prazeroso para as crianças e a família, que se tornou elemento fundamental nesse período. Isso sem perder a finalidade de desenvolver requisitos para o ingresso deste aluno no Ensino Fundamental.

Palavras-chaves: Pandemia; Educação Infantil; Ensino Remoto; Aprendizagem.

Introdução

O presente relato conta um pouco da experiência desafiadora desse período que estamos vivendo da pandemia do Covid-19, em uma turma de Primeiro ano de uma escola da Rede Municipal de Ensino do Município de Corumbá. Que é localizado na fronteira do Brasil com a Bolívia, fica a margem do Rio Paraguai e entre as morrarias de minério, importante fator da economia local. A escola de referência deste relato está situada em bairro com população de entorno com características de vulnerabilidade social, dependem na sua maioria dos programas de assistência governamental.

No início do ano 2020, projetamos e planejamos nosso ano letivo. Conhecemos nossos alunos e fizemos a sondagem inicial para podermos partir dos conhecimentos prévios dos “pequenos”. E sem que ninguém esperasse fomos surpreendidos pela Covid-19 que assolou o planeta. E por determinação do protocolo da Organização Mundial de SAÚDE-OMS, o governo municipal por via de Decreto no mês de março, as aulas presenciais foram suspensas como medida de minimizar o contágio da doença. A nós, professores, coube a partir de 17 de março de 2020 redefinir ações educacionais. Despedimos-nos das crianças

¹Pós-graduanda em Alfabetização e Letramento pela UFMS. Licenciada em Pedagogia pela UNIOESTE. Professor da Educação Básica do Município de Corumbá/MS. Contato: soniabays42@gmail.com

com um até logo, mas a situação não melhorou e ficamos em teletrabalho o restante do ano.

Fomos pegos de surpresa, e agora o que fazer? Como dar continuidade a um trabalho planejado e que exigiria o contato direto com os alunos? Mesmo seguindo as orientações da Secretaria de Educação, nossa angustia era grande. Foram realizadas as atividades que os pais poderiam ter condições de auxiliar seus filhos no processo de construção da aprendizagem. O ano terminou e, já iniciamos um novo ano letivo, agora com uma turma nova e dos quais saberíamos apenas os nomes, pois continuávamos com aulas presenciais suspensas. E nossas inquietações permaneceram: Como pensar um planejamento, como tornar a aprendizagem significativa e concreta. Nesta perspectiva de desafio iremos descrever nosso relato.

2. Uma reflexão teórica a partir do relato da prática

Sou professora efetiva na Rede Municipal de Ensino de Corumbá-MS. Atuo no período matutino no primeiro ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Almirante Tamandaré e no período vespertino na Educação Infantil, na Pré-Escolar II da Cemei Parteira Laida Menacho, ambas, escola e cemei, fazem parte do mesmo prédio que está localizada em bairro na parte alta da cidade. A maioria de nossos alunos está na faixa de vulnerabilidade social, mora nos conjuntos habitacionais do Programa Minha casa minha vida ou são invasores de terrenos. Muitos deles necessitam da alimentação oferecida na merenda escolar, não possuem recursos como celular ou internet e por questões de desarmonia na casa, precisam da proteção que o “estar” na escola proporciona.

Com o advento da suspensão das aulas presenciais em 2020, inicialmente, por quinze dias, e depois por meses em virtude do aumento de contágio do Covid-19, a vulnerabilidade destes alunos tornou-se mais acentuada. E no que se refere ao processo educacional criou uma ruptura nas práticas de atividades coletivas, tão necessária na fase da Educação Infantil e alfabetização das turmas de primeiro ano.

Collelo (2021) fala desta fase da escolarização, discorre sobre o ingresso no Ensino Fundamental como um ritual que precisa ser bem vivido.

[...] quando bem vivido, esse ritual não necessariamente significa uma ruptura no curso da vida escolar, razão pela qual os professores costumam se valer de mecanismos de acolhimento e de orientação para o trabalho pedagógico. Entre eles, destacam-se estratégias de adaptação e de integração da turma, sondagens sobre o perfil social do grupo e de suas linhas de interesse, definição de combinados para a convivência em classe e avaliação dos graus de conhecimento dos alunos. (COLLELO, 2021, p. 144).

Após a publicação do Decreto Municipal de Corumbá, no Ano Letivo de 2020, o teletrabalho passou fazer parte de nossa prática, tivemos que criar novos hábitos de comunicação com os alunos e familiares. Preparamos atividades para serem postadas na plataforma² da Secretaria Municipal de Educação/SEMED, formamos grupo de *Whatsapp* para cada turma e assim, postamos atividades; ligava para os pais, compartilhava no *Facebook* informações e orientações de estudo. Como alguns pais não tinham familiaridade em acessar a tecnologia, fizemos um chamamento até a escola para orientar em como proceder para baixar as atividades postadas no Sistema Tagnos/Remoto, nesse momento nos certificamos, o qual era a vulnerabilidade de nossa comunidade, pois ouvimos deles: “professora, não tenho computador...”, “meu celular tem dados móveis que acaba muito rápido...”, “prefiro as atividades impressas”, “não tenho aparelho de celular...”, “em casa tem apenas um celular, não dá para deixar com criança não...”, “não tenho paciência”, “eu não sei ensinar não...” e muitas outras falas que demonstravam as dificuldades dos alunos para desenvolver a aprendizagem. A alternativa foi recorrer às atividades impressas como tentativa de garantir de conhecimento a este aluno.

Nem todos respondiam as mensagens enviadas, e de vez em quando tinha familiares que ao pedir retorno/devolutiva eram inoportunos. Não foi fácil! Tudo muito novo e a sensação de não estar fazendo nada certo. Rocha e Oliveira (2020) afirmam que se durante as duas décadas do século XXI questões como o uso de celular em sala, aplicação de metodologias ativas, autonomia discente e uso de novas tecnologias eram constantemente discutidas, o isolamento social acarretado pela pandemia do novo coronavírus revelou na prática a necessidade de aplicação dessas tecnologias para o ensino, e o quanto podem ser eficazes. Com isso tivemos que ser criativos, transpassar a barreira da timidez, a falta de qualificação midiática e tornar o uso das ferramentas que tínhamos para chegar até o nosso aluno, muitas vezes, invadindo o espaço da casa com nossos vídeoaulas. E de certa forma, também fomos invadidos já que nosso horário passou a disponibilidade total via telefone.

Ansiedade e desespero se misturavam, pois compreendemos que a alfabetização possui várias especificidades, como afirma Soares (2019), “[...] no estado atual da ciência linguística, da Psicologia Cognitiva, da Psicologia do Desenvolvimento, é processo complexo que envolve vários componentes, ou facetas, e demanda diferentes competências” (SOARES, 2019, p. 27).

Competências essas que o professor é habilitado a proporcionar ao aluno na rotina em sala de aula, e não o pai, mãe ou responsável que muitas vezes não tem paciência ou técnica

²A Rede Municipal de Ensino adotou uma Plataforma digital denominada Sistema Tagnos/Remoto para a inserção de atividades de forma que todos os alunos e pais pudessem ter acesso evitando o contato como protocolo sanitário de segurança. (Nota da autora)

para ensinar. Partindo da experiência que conhecem como: “cópia com letra bonita” ou “se não consegue copiar só encobre que já está bom”. E isso feito muitas vezes com impaciência, num processo mecânico, dizem:- “foi assim que eu aprendi”.

Não desmerecemos os pais, já que se esforçaram e se esforçam, e muito para dar conta de participar e auxiliar os seus filhos, não obstante as dificuldades de acesso e de uso das Plataformas de Ensino Remoto, e aos demais materiais colocados à disposição nos grupos e na própria escola, enfatizamos outro obstáculo - a precariedade do sinal de internet na região. Esses fatores, contudo, nos faz refletir salientando que a pandemia mostrou a importância do professor como profissional e mediador dos conhecimentos, principalmente na fase da alfabetização.

Como professora da pré-escola e primeiro ano, esse período é importante muitas atividades lúdicas, oralidade, leitura coletiva, dramatizações, brincadeiras cantadas, escrita espontânea, etc. isto, reservando as especificades de cada etapa educacional. Por mais que tenhamos pensado e planejado as atividades a serem enviadas, a maioria que requeria a escrita, retornava em branco ou muitas vezes sem a letra da criança, que na região, comumente, chamamos de “mão de gato”³. E em se tratando de imagens, fotos ou vídeos como tarefa, estes voltavam com maiores resultados. É possível perceber que a ausência das aulas presenciais causaram uma minimização do conhecimento, ou na pior da avaliação o não desenvolvimento da competência.

No ano de 2020 até que conseguimos criar vínculos porque ainda tivemos contato antes da suspensão das aulas presenciais e deste modo propiciar uma rotina aos alunos, porém este ano, 2021, tínhamos apenas lista nominal dos alunos com os respectivos números de celular para contato com as famílias.

Logo no início do ano letivo 2021, após a apresentação na escola e saber qual seria a minha turma, com 23 alunos, comecei a ligar e já formar um grupo *no whatsapp*. Se antes faríamos da acolhida, de conhecer o aluno e avaliar o seu grau de conhecimento e fazermos o palnejamento, agora lançávamos ao novo, realizando entrevista/sondagem através de vídeochamada. Os horários foram previamente agendados por mensagens aos pais para falarem sobre as crianças. Nossa preocupação inicial era se eles teriam internet disponível para esta agenda, já que, um número considerável mora em um residencial afastado e nem sempre conseguem ligação para celular, que dirá para vídeochamada.

Marcado o horário, chamei e o aluno das 7h30min estava dormindo. Aluno das 8h estava disponível. Com o aluno das 9h não consegui retorno, o aluno das 10h foi um sucesso! E assim, transcorreu a semana tentando conhecer e me apresentar aos pais e alunos. Que

³Sorrateiro, desviado. Disponível em <https://Dicionário.piberam.org>

alegria ver os rostinhos, com vergonha e inseguros diante da professora nova. A mãe dizia: - “fala com tua professora, responde guri”. Eu tentando quebrar o gelo brincava e interagia. O intuito das chamadas de vídeo era conhecer, me apresentar, falar da saudade que estávamos sentindo da escola, porque eu também sinto saudades, até pedi que tentassem escrever o nome e se apresentassem também.

Observei nas chamadas, a interferência dos pais e as crianças não ficavam a vontade e estavam inseguros, dependentes da resposta do adulto que ficava ao lado o tempo todo.

Logo tivemos uma escala de trabalho, dois dias de plantão na escola e três dias em casa propondo atividades e estando disponível aos pais e alunos das 7h às 11h. A preocupação era como as atividades propostas seriam realizadas, já que havia observado que alguns responsáveis não tinham nada de pedagógico, muito menos paciência com as crianças. Pensando em não sobrecarregar os pequenos, comecei a propor atividades partindo do corriqueiro, o que seria mais prazeroso para todos. Collelo (2021) aponta que:

[...] os diversos relatos confirmaram que a simples presença dos alunos nos ambientes virtuais não garante a sua adesão, tampouco o mesmo ritmo de aprendizagem que eles costumavam ter em sala de aula. Em função do novo padrão de funcionamento do ensino, da inédita organização de trabalho e de diferenciadas formas de relação pessoal, o aluno precisaria de um tempo de adaptação e do apoio das famílias capazes de garantir condições mínimas de trabalho (COLLELO, 2021, p. 146).

Compreendendo todo contexto social e, procurando manter vínculo entre professora e alunos, foram elaboradas várias estratégias de provocação para que pudéssemos desenvolver da melhor maneira as competências e atingir os objetivos. Como mediação, enviamos no grupo de whatsapp, vídeos de literatura infantil, brincadeiras para serem realizadas com a família, atividades significativas e práticas para que possam aproveitar esse tempo com prazer. Ainda, utilizados os livros e vídeos compartilhados no grupo, como sugestão de ludicidade para desenvolvimento das competências.

Exemplificarei algumas das orientações de atividades propostas. Observadas as dificuldades dos alunos do primeiro ano, propus gravar um vídeo apresentando nossos animais de estimação. Quem tivesse um animalzinho, apresentaria expondo o nome e outras informações que quisessem. Motivei que gravassem o vídeo e compartilhassem para que todos vissem. Logo surgiram alguns vídeos:



Imagem A: Aluno apresentando sua cachorrinha Madá de 10 anos.



Imagem B: Aluna apresentando seu gatinho.

Observei que os responsáveis ajudaram as crianças a apresentarem os animais de estimação. Houve uma interação com o adulto. Tiveram que pensar onde gravar, como gravar, o que falar etc. Não é fácil gravar, falar, apresentar. Fiquei maravilhada ao ver a desenvoltura de alguns e a superação de outros. Com essa atividade foi trabalhada a oralidade e a espontaneidade das crianças. Collelo (2021, p. 150) ressalta que “[...] é preciso incentivar a autonomia do aluno para que, no limite de sua faixa etária e de seu grau de conhecimento, ele possa ser protagonista na construção do conhecimento”.

Como nem todos possuem facilidade com o celular, internet, e nas últimas duas

semanas tivemos reforço, foram chamados justamente os que não possuem essa acessibilidade. Foi mostrado o vídeo gravado e conversando com eles, solicitei que desenhassem seu animalzinho e escrevessem o nome deles. Conforme assinala Collelo (2021):

[...] como pressuposto fundamental desse processo, é preciso garantir a aprendizagem na perspectiva interacionista, isto é, como um processo ativo do sujeito-aprendiz a partir de possibilidades, reflexões e interações tanto com o objeto de conhecimento como com os outros, de modo que o estudante possa lidar progressivamente com a construção cognitiva (COLLELO, 2021, p. 151).

Alunos que frequentaram a Educação Infantil e agora estão no primeiro ano, saberiam se expressar e expor suas necessidades, desejos, medos. Sabem que a escola é um lugar onde se privilegia o aprendizado, mas, não é o único. Usam lápis de escrever, lápis de cor, distinguem as cores tem postura para estudar e se concentram no que estão fazendo. Não levam o lápis à boca, isso demonstra que têm confiança em si mesmos.



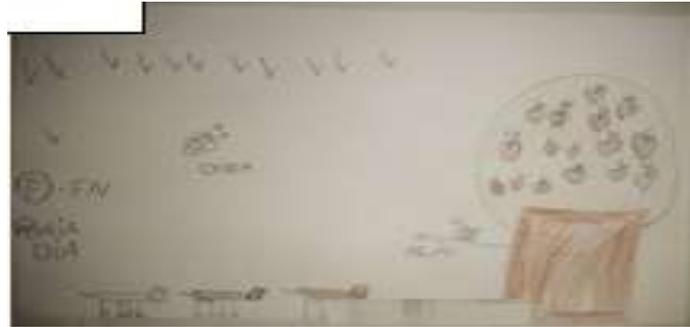
3 Resultados e Discussão

Pensando na oralidade como um grande estímulo, a proficiência do aluno e mesmo que esta prática seja pouco valorizada é de fundamental importância para a integração social dos alunos. Ela vem sendo desenvolvida há décadas, mas hoje se faz necessário implementá-las nos currículos de forma mais efetiva. Analisando a atual situação da escola nos dias de hoje, fica evidente a necessidade de um trabalho mais sistemático da escola em relação à oralidade. Em tempos de pandemia muito mais, e é o grande desafio, trazer atividades que proporcione prazer, alegria e acolhimento, pois nossos pequenos estão sofrendo a falta da escola e de interagir seja com seus pares ou com o professor.

No processo de construção do vídeo e elaboração de atividade escrita podemos observar que:

Ester⁴: Sabe nomear as letras do alfabeto, em ordem e aleatoriamente. Conhece os números e associa à quantidade. Distingue números de letras.

Sabe que para escrever palavras precisa usar as letras, precisa pensar. Encontra-se no nível silábico com valor sonoro. Observo isso a partir do nome da sua cachorra LUNA = LA. Ela pensou como escrever, LU ... L . NA ... A . Pedi para escrever sol. Ela pensou e SOA ... sol.



Conheci Eliane Vitória nessa semana, seus pais são super atenciosos e se preocupam com o desenvolvimento dela. Buscam as atividades na escola e vêm com a letra dela. Eles comentam: - “ela gosta de fazer”.

Ela contou que tem três animais de estimação: Pretinha, Branquinha e Fofinha e as desenhou, usando os materiais que ficaram disponíveis para que desenvolvesse sua atividade. Depois, escreveu os nomes das “cachorras”. Com essa atividade, observei que ela escreve seu nome sem apoio, não precisa de crachá ou prisma para escrevê-lo. Constatei que teve muita dúvida ao escrever Pretinha (FN) pensou, pensou muito e depois escreveu (F N) , abaixo escreveu Branquinha (AIA) e logo abaixo Fofinha (OIA).

Ela escreveu também borboleta (OOEA) e passarinho (ACIO) e novamente ao escrever passarinho ficou com dúvida. Com base nessa escrita, percebi que ela também está no nível Silábico com valor sonoro. Tem desenvoltura para realizar as atividades e é segura no que faz.

Ambas as alunas Maria leram o que escreveram, pois é algo significativo para elas e observando o próprio desenho fazem associação com o mesmo. É significativo e faz parte das vivências delas no contexto familiar, social, cultural. Ainda precisam avançar na apropriação da escrita, ter contato com o mundo letrado através de brincadeiras, parlendas, músicas/cantigas, necessitam que leiam para elas e participarem dessa leitura.

Atividades que propiciem encontrar palavras no texto com rimas e aliterações para que compreenda que várias palavras podem ser escritas com as mesmas letras e sons. Ter contato com esse texto escrito, observar as palavras destacadas coletivamente e analisar

⁴ Nomes fictícios. (nota da autora)

como são escritas.

4 Considerações Finais

De todo o trabalho realizado, ficou aos professores o desafio de garantir atividades lúdicas e ao mesmo tempo propor uma prática reflexiva sobre a escrita espontânea trazendo temas do cotidiano, de forma significativa capaz de servir aos propósitos da alfabetização e promover atividades para desenvolver a oralidade. Elementos que em tempos de ensino remoto requer muito cuidado, criatividade e dedicação.

O desafio “ter que aprender para ontem”, o uso das tecnologias implementou nosso fazer pedagógico. É um momento de grande aprendizagem e orgulho dessa profissão. O que antes causava medo, hoje é nosso aliado. Nesse contexto, a escola e a mediação do professor são essenciais, estamos colhendo bons resultados, mas estão aquém do direito pleno a educação dos alunos.

Referências

COLELLO, S. M. G. Alfabetização em tempos de pandemia. **Convenit Internacional**, n. 35. São Paulo: CEMOrOc- FEUSP, jan-abr, p. 143-164, 2021. Disponível em: <https://silviacolello.com.br/alfabetizacao-em-tempos-de-pandemia> Acesso em junho de 2021.

Mãos de gato - Disponível em <https://Dicionário.piberam.org> Acesso em 11 jul. 2021.

SOARES, Magda. **Alfabetização**: a questão dos métodos. São Paulo: contexto, 2019.

ROCHA, Gustavo Gomes Siqueira da; OLIVEIRA, Solange Diniz de. Ensino na rede pública em tempos de pandemia: duas experiências docentes. **Revista Educação Pública**, v. 20, n. 31,18 de agosto de 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/31/ensino-na-rede-publica-em-tempos-de-pandemia-duas-experiencias-docentes> Acesso em 13 jul. 2021